

# Laços e Desenlaces na Literatura

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)



**Atena**  
Editora  
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

# Laços e Desenlaces na Literatura

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
L144	Laços e desenlaces na literatura [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-496-2 DOI 10.22533/at.ed.962192407  1. Literatura – Estudo e ensino. 2. Teoria literária. I. Sousa, Ivan Vale de.  CDD 801.95
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Qual seria a necessidade de ensinar literatura na atualidade? Por onde começar o processo de reflexão literária na escola? De que forma? Por que propor uma educação literária urgente?

As respostas para estas questões que abrem a apresentação desta coletânea podem ser encontradas nos vinte e sete capítulos que dão forma à obra, visto que todas as reflexões partem de diferentes concepções, embora tenham um único propósito: orientar o processo de formação dos leitores nas diversas trajetórias da narração. Assim, serão apresentados os sentidos que cada um dos trabalhos traz para o processo de formação dos leitores.

No primeiro capítulo são relatados os resultados da implementação de uma sequência didática realizada com estudantes do sexto ano do ensino fundamental. No segundo capítulo o autor problematiza as questões de ensino e aprendizagem de literatura na contemporaneidade, seu espaço na sala de aula e propõe a realização de uma oficina de leitura literária com a finalidade de contribuir na ampliação dos perfis de leitores. No terceiro capítulo a literatura e a cultura são utilizadas nas aulas de língua estrangeira como sendo uma das muitas possibilidades de ensino.

No quarto capítulo são problematizadas as questões do gênero fantástico na arquitetura. No quinto capítulo, além de relatar e inspira outros docentes dos anos finais do ensino fundamental quanto ao uso do livro-jogo em sala de aula. No sexto capítulo discute-se a ideia de nação e identidade em uma abordagem comparativa.

No sétimo capítulo há a problematização do quanto há de retórico e estético na inclusão das evidências históricas no código linguístico narrativo e isso permite problematizar a estabilidade do conhecimento histórico. No oitavo capítulo parte-se de uma análise das representações do sertão na obra poética *Inspiração Nordestina*, de Patativa do Assaré. No nono capítulo há o apontamento das relações entre cinema, psicanálise e literatura na análise de *Blade Runner e Inteligência Artificial* enlaçadas em Philip K. Dick e Brian Aldiss Freud com *A interpretação dos sonhos* e Lacan com seus estudos acerca do desejo.

No décimo capítulo analisam-se, comparativamente, aspectos da obra *Cidades Mortas*, de Monteiro Lobato e do romance *Malhadinha*, do escritor piauiense José Expedito Rêgo, sobretudo quanto ao ponto de intersecção temática. No décimo primeiro capítulo é feita uma análise sincrônica da ciberpoesia do web-poeta português Antero de Alda e o estilo Barroco, considerado como a primeira manifestação literária, genuinamente, brasileira. No décimo segundo capítulo analisam-se os poemas de José Craveirinha, poeta Moçambicano a partir da teoria da narrativa de viagens por Buesco, 2005, em que trata como a problemática da viagem tem sido fundamentalmente discutida nos estudos literários, apresentando como a imagem poética constrói-se pelo viés da linguagem.

No décimo terceiro capítulo aponta-se como memória individual e coletiva

exerce influência para construir uma identidade cultural e, por último, uma identidade nacional. No décimo quarto capítulo problematiza-se e compara-se a composição dos elementos do gênero fantástico nas obras *Aura*, de Carlos Fuentes e *A outra volta do parafuso*, de Henry James, levando-se em conta a utilização de aspectos atribuídos tradicionalmente ao imaginário feminino na tessitura dos contos. No décimo quinto capítulo discute-se as condições da representação feminina a partir do gênero carta.

No décimo sexto capítulo demonstra-se o erotismo nas principais personagens femininas da obra *Cien años de soledad*, de Gabriel García Márquez. No décimo sétimo capítulo expõe-se uma investigação do *Teatro da Crueldade*, de Antonin Artaud em diálogo com o pensamento nietzschiano acerca do *Trágico* que, por sua vez, reafirma-se com e na presença do deus Dioniso. No décimo oitavo capítulo recuperam-se alguns momentos da história do naturalismo no teatro português, entre 1870 e 1910 trazendo para discussão autores, peças, críticos e teóricos coevos.

No décimo nono capítulo analisa-se como o autor Abdias Neves constrói a cenografia e se posiciona mediante suas produções discursivas literárias na obra *Um manicaca*, 1985. Além disso, nos estudos da Análise do Discurso Literário, o posicionamento do autor é marcado por uma tomada de posição e uma ancoragem em um espaço conflitualístico. No vigésimo capítulo são expostos detalhes dos elementos poéticos que foram o fio condutor do experimento cênico evidenciando uma interação direta com o espaço e as reminiscências que surgem quando o movimento do texto no corpo instaura conexões com memórias coletivas e individuais. No vigésimo primeiro capítulo realiza-se uma abordagem da relação Literatura e Vida Social em *Selva Trágica*, 1959, constituindo-se um testemunho de época, a História dos ervateiros do Mato Grosso e da fronteira Oeste do Brasil, propondo uma interpretação ficcional da possível História dos trabalhadores da Companhia Matte Larangeira.

No vigésimo segundo capítulo aborda-se um pouco da vida de Stanislaw Ignacy Witkiewicz - o Witkacy (1885-1939) e também da sua “teoria da Forma Pura”. No vigésimo terceiro capítulo investigam-se as relações estabelecidas e os sentidos engendrados entre o conto *Entre santos*, 1896, de Machado e o *Diálogo dos mortos*, de Luciano. No vigésimo quarto capítulo analisa-se um dos contos mais emblemáticos de Lawrence, *O Oficial Prussiano*, no que diz respeito à homoafetividade reprimida de dois personagens da trama, *Herr Hauptmann*, um oficial e um jovem soldado sob seu comando, Schöner, que só conseguem exprimir seus desejos por meio da violência física e psicológica.

No vigésimo quinto capítulo investigam-se as diferenças existentes entre o enredo do romance *Um estudo em vermelho*, de Arthur Conan Doyle e da adaptação da obra para o primeiro episódio da série de TV Sherlock (BBC), intitulado “Um estudo em rosa”. No vigésimo sexto capítulo relata-se e analisa-se uma experiência poético-sociológica desenvolvida na disciplina Sociologia para o Ensino Médio na Educação de Jovens e Adultos, em duas escolas públicas da cidade de Sertãozinho,

São Paulo. E, por fim, no vigésimo sétimo capítulo abordam-se as formas de resistência da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis em uma de suas obras poéticas.

Com a leitura de todos os vinte sete capítulos apresentados e organizados nesta coletânea algumas respostas serão produzidas às questões que deram as boas-vindas aos leitores desta coleção, pois somente assim é que será possível compreender os laces e desenlaces da leitura literária na formação de leitores.

Ivan Vale de Sousa

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
FORMAÇÃO DO ALUNO-LEITOR: UMA PROPOSTA VIÁVEL	
Camila Augusta Valcanover	
Elisa Maria Dalla-Bona	
DOI 10.22533/at.ed.9621924071	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
ENSINAR E APRENDER LITERATURA HOJE	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.9621924072	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>24</b>
LITERATURA E CULTURA NAS CLASSES DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Melina Xavier de Sá Morais	
DOI 10.22533/at.ed.9621924073	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>34</b>
A (DES)CLASSIFICAÇÃO DO GÊNERO FANTÁSTICO NA ARQUITETURA	
Aline Stefania Zim	
DOI 10.22533/at.ed.9621924074	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>43</b>
A APLICAÇÃO DO “LIVRO-JOGO” EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Pedro Panhoca da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9621924075	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>51</b>
A IDEIA DE NAÇÃO E IDENTIDADE AMERÍNDIA EM <i>MAÍRA E O RASTRO DO JAGUAR</i>	
Cíntia Paula Andrade de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.9621924076	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>59</b>
A RETÓRICA DA EVIDÊNCIA	
Henrique Carvalho Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.9621924077	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>66</b>
AS REPRESENTAÇÕES DO SERTÃO EM <i>INSPIRAÇÃO NORDESTINA</i> DE PATATIVA DO ASSARÉ	
Ernane de Jesus Pacheco Araujo	
Silvana Maria Pantoja dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9621924078	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>77</b>
<i>BLADE RUNNER</i> E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: INTELIGÊNCIA LIBIDINAL E A LITERATURA DE FICÇÃO	
Roseli Gimenes	
DOI 10.22533/at.ed.9621924079	

<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>89</b>
DECADÊNCIA: UM PONTO DE INTERSECÇÃO ENTRE <i>CIDADES MORTAS</i> DE MONTEIRO LOBATO E <i>MALHADINHA</i> DE JOSÉ EXPEDITO RÉGO	
Elimar Barbosa de Barros	
José Wanderson Lima Torres	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240710</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>103</b>
ECOS DO BARROCO NA CIBERPOESIA CONTEMPORÂNEA DE ANTERO DE ALDA	
Bruna Messias de Oliveira	
Hevellyn Cristine Rodrigues Ganzaroli	
Leonardo José Rodrigues	
Nádia Vieira Simão	
Pâmela Natiele Pereira Bispo	
Viviane Ellen Araújo Pereira	
Débora Cristina Santos e Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240711</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>111</b>
ENTRE POESIA, VIAGEM E ESPAÇOS: REFLEXÕES SOBRE A POESIA DE JOSÉ CRAVEIRINHA	
Vanessa Pincerato Fernandes	
Marinei Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240712</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>123</b>
MEMÓRIA, IDENTIDADE E NACIONALISMO ÉTNICO E CÍVICO EM NARRATIVE OF THE LIFE OF FREDERICK DOUGLASS, AN AMERICAN SLAVE, WRITTEN BY HIMSELF	
Nilson Macêdo Mendes Junior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240713</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>134</b>
FASCÍNIO E TERROR: AS FIGURAS FEMININAS EM <i>AURA</i> DE CARLOS FUENTES E <i>A OUTRA VOLTA DO PARAFUSO</i> DE HENRY JAMES	
Danielli de Cassia Morelli Pedrosa	
Ana Lúcia Trevisan	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240714</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>145</b>
RECEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA CONDIÇÃO FEMININA EM: <i>RESPOSTA A SÓROR FILOTEA DE LA CRUZ</i>	
Margareth Torres de Alencar Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240715</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>151</b>
O EROTISMO NAS PERSONAGENS FEMININAS EM <i>CIEN AÑOS DE SOLEDAD</i> , DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ	
Margareth Torres de Alencar Costa	
Thiago de Sousa Amorim	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240716</b>	

<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>160</b>
A POTÊNCIA TRÁGICA-DIONISÍACA NO TEATRO DA CRUELDADE DE ANTONIN ARTAUD	
<a href="#">Rodrigo Peixoto Barbara</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240717</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>171</b>
O TEATRO NATURALISTA EM PORTUGAL (1870-1910)	
<a href="#">Claudia Barbieri Masseran</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240718</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>181</b>
A CENOGRAFIA E O POSICIONAMENTO DO AUTOR NO DISCURSO LITERÁRIO DE <i>UM MANICACA</i>	
<a href="#">Érica Patricia Barros de Assunção</a>	
<a href="#">João Benvindo de Moura</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240719</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>192</b>
CONVERSAS DE UM POETA COLECIONADOR: A TRANSPOSIÇÃO DA LITERATURA BENJAMINIANA EM DRAMATURGIA PARA O MONÓLOGO “HAVERES DA INFÂNCIA; UM POETA COLECIONADOR”	
<a href="#">Erika Camila Pereira dos Santos</a>	
<a href="#">Cláudio Guilarduci</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240720</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>203</b>
OS ERVAIS DE SELVA TRÁGICA: UMA VIA DE MÃO ÚNICA – DEGRADAÇÃO E MORTE	
<a href="#">Jesuino Arvelino Pinto</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240721</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>213</b>
STANISLAW IGNACY WITKIEWICZ – A FORMA PURA E O ÊXTASE MÍSTICO PELA ARTE	
<a href="#">Andrea Carla de Miranda Pita</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240722</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>221</b>
UM DIÁLOGO DOS MORTOS À BRASILEIRA	
<a href="#">Iasmim Santos Ferreira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240723</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>232</b>
A VIOLÊNCIA E A HOMOAFETIVIDADE REPRIMIDA NO CONTO <i>O OFICIAL PRUSSIANO</i> , DE D. H. LAWRENCE	
<a href="#">Iêda Carvalhêdo Barbosa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240724</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>241</b>
<i>UM ESTUDO EM VERMELHO</i> VERSUS “UM ESTUDO EM ROSA”: ARTHUR CONAN DOYLE E UMA ADAPTAÇÃO TELEVISIVA	
<a href="#">Maria Luand Bezerra Campelo</a>	
<a href="#">Vanessa de Carvalho Santos</a>	
<a href="#">Wander Nunes Frota</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240725</b>	

<b>CAPÍTULO 26 .....</b>	<b>251</b>
“O IMPORTANTE PARA O TRABALHADOR É SABER DO SEU VALOR”: ESCRITAS DE SI COMO INSTRUMENTOS DE RESSIGNIFICAÇÃO DA SUBJETIVIDADE DE ESTUDANTES- TRABALHADORES	
<a href="#">Patricia Horta</a> <a href="#">Livia Bocalon Pires de Moraes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240726</b>	
<b>CAPÍTULO 27 .....</b>	<b>263</b>
“CANTA, POETA, A LIBERDADE, - CANTA”: A VOZ POÉTICA AFRO-BRASILEIRA DE MARIA FIRMINA DOS REIS	
<a href="#">Juliana Carvalho de Araujo de Barros</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96219240727</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR.....</b>	<b>270</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>271</b>

## “CANTA, POETA, A LIBERDADE, - CANTA”: A VOZ POÉTICA AFRO-BRASILEIRA DE MARIA FIRMINA DOS REIS

**Juliana Carvalho de Araujo de Barros**

(UNIP, Brasília, DF)

Professora de Literatura na UNIP/DF. Graduada e Licenciada em Letras (UERJ), Mestre em Literatura Brasileira (UERJ), Doutora em Literatura Comparada e Teoria Literária (UERJ).  
Contato: jucarvalho0301@gmail.com.

**RESUMO:** A poeta maranhense Maria Firmina dos Reis (1825-1917) é conhecida – ainda em um restrito círculo acadêmico – como uma das primeiras escritoras brasileiras. No entanto, mesmo a dona de uma voz tão ativa já no século XIX, foi silenciada e apagada das historiografias literárias brasileiras por mais de um século. Com Firmina, testemunhamos a mulher brasileira como um ser político. Dessa forma, pretendemos abordar as formas de resistência em sua obra poética, ainda muito pouco estudada e editada. Questionamos: por que, hoje, no século XXI, continua tão pouco lida, editada e estudada? Seu livro “Cantos à beira-mar” teve sua última edição em 1976. A quem ainda interessa esse silêncio em torno de um nome tão potente?

**PALAVRAS-CHAVE:** Maria Firmina dos Reis; Silenciamento; Poesia

“SING, POET, FREEDOM, - SING<sup>1</sup>”: THE AFRO-BRAZILIAN POETIC VOICE OF MARIA FIRMINA DOS REIS

**ABSTRACT:** The poet from Maranhão Maria Firmina dos Reis (1825-1917) is known - still in a restricted academic circle - as one of the first female Brazilian writers. However, even the owner of a so active voice in the nineteenth century, was silenced and erased from Brazilian literary historiographies for more than a century. With Firmina, we witnessed the Brazilian woman as a political being. In this way, we intend to approach the forms of resistance in his poetic work, still very little studied and edited. We ask: why, in the 21st century, is it still so little read, edited and studied? His book “Sings by the Sea” had its last edition in 1976. To whom does this silence around such a powerful name still matter?

**KEYWORDS:** Maria Firmina dos Reis; Silencing; Poetry

### 1 | INTRODUÇÃO

A poeta maranhense Maria Firmina dos Reis (1825-1917) é conhecida – ainda em um restrito círculo acadêmico – como uma das primeiras escritoras brasileiras; mais

1. Verso do poema “O meu desejo”, de Cantos à beira-mar, de Maria Firmina dos Reis (1871).

precisamente: *Úrsula* foi o primeiro romance brasileiro de autoria feminina e negra. De acordo com Luiza Lobo (1993), é também o romance inaugural da literatura afro-brasileira, em que o negro deixa de ser objeto do olhar do outro – este branco, escravocrata, elitizado – e passa ser ele mesmo sujeito da criação, registrando sua própria visão de mundo. Além disso, para reforçar o pioneirismo de Maria Firmina, ela foi a décima primeira mulher brasileira a publicar poesias<sup>2</sup>. Em sua época, Firmina era mais conhecida como poeta, por publicar frequentemente nos periódicos maranhenses. Atualmente, quando lembrada, é como romancista, pelo ineditismo do romance *Úrsula*.

Publicou romances, contos, crônicas, poesias, charadas, colaborava com a imprensa local, foi compositora, recebeu o título público de mestra-régia; em 1881, fundou a primeira escola gratuita, mista e pública do Maranhão – o que foi um escândalo na época; sua contribuição social é extensa.

Toda manhã, [Maria Firmina dos Reis] subia em um carro de bois para dirigir-se a um barracão de propriedade de um senhor de engenho, onde lecionava para as filhas do proprietário. Levava consigo alguns alunos, outros se juntavam. Um empreendimento ousado para época. Uma antiga aluna, em depoimento de 1978, conta que a mestra era enérgica, falava baixo, não aplicava castigos corporais nem ralhava, aconselhava. Era estimada pelos alunos e pela população da vila. Reservada, mas acessível, toda passeata dos moradores de Guimarães parava em sua porta. Davam vivas, e ela agradecia com um discurso improvisado. (TELLES, 1997, pp. 411-2)

No entanto, dois anos e meio depois de iniciada tal empreitada, Firmina se viu obrigada a interrompê-la por pressão externa, a escola mista foi considerada um escândalo para os padrões conservadores vigentes. É importante sublinhar o que a atitude consciente e transgressora de Firmina representava, principalmente, para as meninas que ela incluía nas aulas, a possibilidade de participação social, de ter voz, de expandir os limites domésticos, uma vez que, naquele momento, a educação que recebiam se restringia ao bordado, às tarefas do lar, ao piano, já a leitura era restrita a poucas e tinha objetivos religiosos.

## 2 | CANTO PELA LIBERDADE

A voz de Firmina cantou o desejo de liberdade de grupos subjugados: as mulheres e os negros. Com o romance abolicionista *Úrsula*, publicado em 1859 – muito antes de “o pai dos escravos”, Castro Alves, lançar seu *Navio Negreiro* (1869) –, o livro de Firmina tematizou as violências do regime escravocrata sob o ponto de vista do negro. No entanto, mesmo a dona de uma voz tão ativa já no

---

2. As primeiras dez poetisas brasileiras são: Maria Clemência da Silveira Sampaio (1823), Delfina Benigna da Cunha (1834), Ildefonso Laura César (1844), Nísia Floresta (1849), Rita Barém de Mello (1855), Beatriz Francisca de Assis Brandão (1856), Rosa Paulina da Fonseca (1865), Adélia Josefina de Castro Fonseca (1866), Júlia Maria da Costa (1867), Clarinda da Costa Siqueira (1868). Dessa forma, vemos que a primeira poeta brasileira que publica seus versos surge apenas no século XIX, 48 anos antes de Maria Firmina publicar seus *Cantos à beira-mar* (1871).

século XIX, foi silenciada e apagada das historiografias literárias brasileiras – estas construídas por homens brancos e para homens brancos – por mais de um século, até José Nascimento Moraes Filho redescobri-la e publicar, em 1975, *Maria Firmina, fragmentos de uma vida*. De acordo com Rafael Zin, em sua dissertação de mestrado sobre a trajetória intelectual de Maria Firmina,

Sílvio Romero (1943 [1888]), José Veríssimo (1981 [1916]), Ronald de Carvalho (1920), Nelson Werneck Sodré (1985 [1938]), Afrânio Coutinho (1986 [1959]), Antonio Candido (2000 [1959]) e Alfredo Bosi (1970), por exemplo, ignoram-na completamente. E mesmo um intelectual afrodescendente como Oswald de Camargo (1987), em sua coletânea *O negro escrito*, de suma importância para o resgate de escritores afro-brasileiros, não faz referência alguma a ela. Dentre outros expoentes da historiografia literária nacional, muitos fizeram o mesmo, à exceção de Sacramento Blake (1970 [1883-1902]), que foi contemporâneo da autora; Raimundo de Menezes (1978 [1969]), que soube da existência de Úrsula logo após seu ressurgimento e que acabou incluindo um verbete sobre a escritora na segunda edição de seu *Dicionário Literário Brasileiro*; e Wilson Martins (2010b [1979]), que no terceiro volume de sua monumental *História da Inteligência Brasileira*, apenas cita seu nome em uma linha. (ZIN, 2016, p. 28)

Com Firmina, testemunhamos a mulher brasileira como um ser político, na contramão do discurso hegemônico. Sua ausência nas historiografias canônicas é mais potente que muitos nomes nelas presentes, uma vez que o silenciamento da voz da escritora revela um projeto político de caráter sócio ideológico e histórico: a tentativa de manter a todo custo os privilégios de uma elite que buscava uma identidade nacional para o recém independente Brasil, baseada nos padrões e ideais eurocêntricos. O índio figurar como herói nacional nos romances indianistas não era uma ameaça, pois o nativo brasileiro era um exilado em seu próprio país desde a invasão portuguesa às suas terras, em 1500. Já o negro representava um perigo real, o negro estava presente, ele era a classe escravizada, violentada. Portanto, o romance romântico *Úrsula* (1859) era transgressor, ameaçava a ordem vigente. Uma mulher negra, escritora e abolicionista, acrescenta-se a isso o fato de ser pobre, professora e nordestina, de fato, era uma voz subversiva e poderia incomodar muitos poderosos, por isso deveria ser silenciada por trazer à tona temáticas perigosas para a conservação do *status quo* de uma sociedade escravocrata.

De acordo com Zahide Muzart, em “A questão do cânone”:

A mulher, no século XIX, só entrou para a História da Literatura como objeto. É importante, para reverter o cânone, mostrar o que aconteceu, quando o objeto começou a falar. Para isso, além do resgate, da publicação dos textos, é preciso fazer reviver essas mulheres trazendo seus textos de volta aos leitores, criticando-os, contextualizando-os, comparando-os, entre si ou com os escritores homens, contribuindo para recolocá-las no seu lugar na História. (MUZART, 1995, p. 90)

A importância e o pioneirismo de Maria Firmina dos Reis são inegáveis, no entanto, é ainda muito pouco estudada e editada. Questionamos: por que, ainda, no século XXI, continua tão pouco editada? Seu livro *Cantos à beira-mar* teve três edições apenas: em 1871, em 1976 e em 2017, essa última pela Academia Ludovicense de Letras (ALL). Por que seu nome não figura nos compêndios escolares e nas

historiografias literárias brasileiras? A quem ainda interessa esse silêncio em torno de um nome tão potente e vanguardista?

Autodidata, Firmina conquistou sua educação escolar em sua própria casa, como ela mesma nos conta em seu diário *Resumo de uma vida*:

De uma compleição débil e acanhada, eu não podia deixar de ser uma criatura frágil, tímida e, por consequência, melancólica: uma espécie de educação freirática veio dar remate a estas disposições naturais. Encerrada na casa materna, que só conhecia o céu, as estrelas e as flores que minha avó cultivava com esmero; talvez por isso eu tanto amei as flores; foram elas o meu primeiro amor. Minha irmã... minha terna irmã e uma prima querida foram as minhas únicas amigas de infância; e, nos seus seios, eu derramava meus melancólicos e infantis queixumes; por ventura sem causa, mas já bem profundos. (REIS apud MORAIS FILHO, 1975, s.p.)

O sentimento de não adequação e de sofrimento que reconhece em si será um traço constante do retrato que fará das mulheres em sua obra poética. Leiamos um trecho do poema “À minha extremosa amiga D. Ana Francisca Cordeiro”:

Sentes saudades da morada d'anjos,  
D'onde emanaste? enlanguedes, gemes?  
É nostalgia o teu sofrer? de arcanjos  
Perder o afeto que te votam - temes?  
Ou temes, virgem - de perder na terra,  
Toda a pureza que tu'alma encerra!?!...

Não, minha amiga - que a pureza tua  
Jamais o mundo poderá manchar:  
Límpida vaga a melindrosa lua,  
Vencendo a nuvem, que se esvai no ar,  
E mais amena, mais gentil, e grata  
Despede às águas refulgir de prata.  
(REIS apud MORAIS FILHO, 1976, s.p.)

A mulher, ainda que gema, que sofra, que tema, é retratada como um ser forte, pois, mesmo que o mundo tente manchar sua pureza, ela vencerá as adversidades e, por isso, será ainda maior do que antes: “mais amena, mais gentil, e grata” (REIS apud MORAIS FILHO, 1976, s.p.).

A mulher, em sua obra, é muito mais que objeto de desejo, é ser desejante também, como vemos nestas estrofes do poema “A uma amiga”:

No langor dos olhos dela  
Havia expressão tão bela,  
Tão maga, tão sedutora,  
Que eu mesmo julguei-a anjo,  
Eloá, fada, ou arcanjo,  
Ou nuvem núncia d'aurora.

Eu vi - o seio lhe arfava:  
E ela... ela cismava,  
Cismava no que lhe ouvia;  
Não sei que frase era aquela:  
Só ele falava a ela,  
Só ela a frase entendia.  
Eu tive tantos ciúmes!...

Teria dos próprios numes,  
Se lhe falassem de amor.  
Porque, querê-la - só eu.  
Mas ela! - a outra ela deu  
meigo riso encantador...  
Ela esqueceu-se de mim  
Por ele... por ele, enfim.

(REIS apud MORAIS FILHO, 1976, s.p.)

Em um contexto em que a mulher não tinha voz e era um ser doméstico e domesticado, Firmina ocupa um espaço público, um espaço quase exclusivamente ocupado por homens: escrever e publicar suas poesias tematizando mulheres sedutoras cujo seio arfava de desejo, mulheres que cismavam - “E ela... ela cismava” –, que teimavam, que queriam e tinham vontades próprias das quais não abriam mão - “Mas ela! - a outra ela deu/ meigo riso encantador...” (REIS apud MORAIS FILHO, 1976, s.p.).

Dizei-me, linda donzela,  
Gentil filha dos amores  
Se me amas, virgem bela,  
Se me cedes teus favores?...

Não, meu nobre senhor.  
Sou formosa, bem o sei:  
Sou pastora - meus afetos,  
A outro já tributei. [...]

Dar-te-ei rico colar,  
Bela c'roa de duquesa.  
Se mais podes desejar,  
Metade da realeza.

Não, meu nobre senhor.  
Sou formosa, bem o sei:  
Sou pobre, mas meu amor,  
Por prêmio algum vos darei.

A mulher que figura nas poesias de Firmina não está à venda, não é negociável, não está à espera de que um homem a escolha, porque ela escolhe, ela deseja, ela quer, independente das circunstâncias que a sociedade patriarcal e opressora a coloque: “sou pobre, mas meu amor,/ Por prêmio algum vos darei.” (REIS apud MORAIS FILHO, 1976, s.p.). A mulher é, assim, sujeito de seu desejo, invertendo os papéis sociais vigentes na época e colocando o homem como objeto de seu amor:

**NÃO ME ACREDITAS!**

**(A Pedido)**

Não me acreditas!... acaso  
Há quem mais te possa amar?...  
Quem te renda mais extremos,  
Quem saiba mais te adorar!?... [...]

Acaso viste a teu lado  
Gozar alguém mais ventura?...  
Acaso ternas carícias,  
Cobraste de mais ternura?... [...]

Sinto em amar-te prazer;  
Porqu'ó duvidas? - cruel!...  
Há quem mais vele teus dias,  
Quem mais te seja fiel?... [...]

(REIS apud MORAIS FILHO, 1976, s.p.)

Interessante notar que o amor que a mulher sente não fica apenas no plano espiritual, mas se realiza na carne, pois ela também é sujeito da ação concreta: “Acaso ternas carícias,/ Cobraste de mais ternura?”. Sua voz também não se limita à posição de subalternidade e aceitação, mas questiona e acusa: “Porqu'ó duvidas? – cruel!” (REIS apud MORAIS FILHO, 1976, s.p.). Além disso, o sofrimento que o mundo inflige a sua vida, os “ditames da sorte avessa, e dura”, tudo “que a terra lhe nega”, não subjugará sua mente, porque ela é livre, por isso, resistirá à colonização de seu corpo e de sua mente pelos preceitos sociais.

Entre o muito sofrer, que nos abate,  
Na íntima aflição,  
Desprende as longas asas, e divaga,  
A mente na amplidão.

Desse espaço infinito – e vê, e goza  
O que a terra lhe nega!  
Aos ditames da sorte avessa, e dura,

Só a mente, não verga. [...]

Ao menos resta a mente ao infeliz  
A quem a sorte nega  
Até breve prazer!.. porque ela é livre,  
E a sorte, não se verga.  
(REIS apud MORAIS FILHO, 1976, s.p.)

### 3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso questionar as regras sociais que silenciaram por mais de cem anos – e ainda a mantêm apagada – uma escritora da importância histórica, social e literária de Maria Firmina dos Reis. Firmina fere preceitos do cânone literário, tais como gênero, raça, classe social, posição política, geografia, por isso, ela não foi perdoada. Pobre, mulher, negra, nordestina, abolicionista. Morreu pobre e esquecida. Peito rebelde, ideias e ações perigosas, rompedora de grilhões sociais que confinavam mulheres ao lar e à vontade masculina, Firmina desejou quando poucas se atreviam e não se sujeitou:

Embalde! é loucura. Se penso um momento,  
Se juro ofendida meus ferros quebrar:  
Rebelde meu peito, mais ama querer-te,  
Meu peito mais ama de amor delirar.  
(REIS apud MORAIS FILHO, 1976, s.p.)

### REFERÊNCIAS

LOBO, Luiza. Autorretrato de uma pioneira abolicionista. In: \_\_\_\_\_. **Crítica sem juízo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993, pp. 222-238.

MORAIS FILHO, Nascimento. **Maria Firmina, fragmentos de uma vida**. São Luís: Governo do Estado de Maranhão, 1975.

TELLES, Norma. **Encantações**: escritoras e tradição literária no Brasil, século XIX. 1987. Tese. PUC-SP, São Paulo, 1987.

MUZART, Zahide. “A questão do cânone”. **Anuário de Literatura** 3, 1995, pp. 85-94.

ZIN, Rafael. “Maria Firmina dos Reis: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista”. Dissertação. PUC-SP, São Paulo, 2016.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**IVAN VALE DE SOUSA** - Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Adaptação 241

Análise 6, 20, 181, 182, 183, 186, 191, 241

### B

Brasileira 5, 50, 102, 105, 169, 250, 263, 265

### C

Cenografia 181, 184

Cinema 82, 86, 87

Cultura 33, 76, 86, 87, 121, 132, 133, 150, 180, 250

### E

Educação de Jovens e Adultos 6, 251, 252, 253, 262

Ensino 6, 1, 2, 32, 43, 50, 66, 94, 102, 123, 251, 253, 262

Ensino Fundamental 1, 2, 43

Ensino Médio 6, 32, 251, 253, 262

Erotismo 151, 152, 159

Estético 150

Estudos 32, 105, 121, 174, 176, 180, 202

Experiência 194

### H

Homoafetividade 232

### I

Identidade 123, 132, 135

### L

Leitura literária 13

Linguagem 161, 169, 191

Literatura 2, 6, 11, 13, 14, 23, 32, 33, 41, 50, 58, 59, 75, 76, 77, 86, 89, 102, 105, 110, 111, 112, 113, 114, 120, 121, 134, 136, 150, 183, 191, 203, 204, 240, 253, 254, 263, 265, 269

### M

Memória 123, 125, 132, 150, 194

Monteiro Lobato 5, 89, 90, 94, 95, 96, 99

## **N**

Naturalismo 171, 174, 180, 189, 190

## **O**

Obra 116, 117, 119, 121

Oficina 19

## **P**

Pensamento 106, 107, 193

Personagens 30, 151

Psicanálise 86, 87

## **Q**

Questões 102

## **R**

Romance 108, 171, 180

## **T**

Teatro português 171

Texto 9, 10, 24, 34, 77

## **V**

Vida 6, 160, 167, 203, 224

Violência 232

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-496-2



9 788572 474962